NÍVEL DE COMPREENSÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS POR PRÉ-ESCOLARES SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Diane de Vasconcelos Barrionuevo, Fernanda Martins Maziero, Raquel Cristina de Jesus, Raquel Pires de Camargo, Mayuli Dias de Souza.

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Faculdade de Enfermagem, Presidente Prudente, SP. E-mail: dianebarionuevo@hotmail.com

RESUMO

A violência doméstica contra crianças e adolescentes é uma questão de saúde pública, pois compromete o desenvolvimento. O objetivo deste estudo foi o de identificar a compreensão dos pais ou responsáveis sobre violência doméstica. Método descritivo que buscou evidências mediante a aplicação de questionário utilizado por Biscegli et al. (2008). Os resultados foram analisados pelos testes Qui-quadrado e Exato de Fisher, nestes, os pais ou responsáveis jamais concordariam com qualquer castigo por parte dos funcionários, 46,9% concordam que a melhor maneira seria a conversa e 85% que a palmada prejudica o relacionamento. Dos respondentes com mais de dois filhos, 88,2% acreditam que xingar o filho causa danos, mas para os que possuem dois ou menos, este índice cai para 50%. Concluímos que os responsáveis das crianças demonstraram nível satisfatório de conhecimento sobre violência infantil, porém não descartando a influência cultural e a possibilidade de praticarem determinados tipos de violência.

Palavras-Chave: Família, pré-escolar, agressão, violência doméstica, maus-tratos infantis.

PARENTS OF UNDERSTANDING LEVEL OR LIABLE FOR PRESCHOOL ABOUT DOMESTIC VIOLENCE

ABSTRACT

Domestic violence against children and adolescents is a public health issue, as it jeopardizes development. The purpose of this study was to identify parents 'or guardians' understanding of domestic violence. Descriptive method that sought evidence through the application of a questionnaire used by Biscegli et al. (2008). The results were analyzed by Chi-square and Fisher's exact tests, in which the parents or guardians would never agree to any punishment by the employees, 46.9% agree that the best way would be conversation and 85% that the spanking impairs the relationship. Of the respondents with more than two children, 88.2% believe that cursing the child causes harm, but for those with two or less, this rate drops to 50%. We conclude that the guardians of the children demonstrated a satisfactory level of knowledge about child violence but did not discard the cultural influence and the possibility of practicing certain types of violence.

Keywords: Family, child preschool, aggression, domestic violence, child abuse.

INTRODUÇÃO

O enfrentamento da violência na família é uma das tarefas mais complexas da sociedade atual, pois possui vários aspectos envolvidos: sociais, morais, geopolíticos, históricos, econômicos e psicológicos. Esta questão vem aumentando em todas as camadas da sociedade, e em função da separação das relações familiares, tem se intensificado causando sérios prejuízos às famílias e à sociedade como um todo^{1,2}.

A violência praticada contra crianças e adolescentes é caracterizada por um abuso do poder disciplinador e coercivo dos pais ou responsáveis, em que a vítima é completamente dominada e seus direitos fundamentais, como a vida, a liberdade e a segurança, são desrespeitados. No entanto, não se restringe somente às relações interpessoais e familiares, sendo observada por meio de suas diversas formas em instituições que de uma forma ou outra impõem poder, nos mais diversos meios, como os meios de comunicação, a sociedade, a escola, a família, a igreja. A subordinação de crianças e adolescentes a diversas formas de maus-tratos no ambiente escolar e familiar pode ter a duração indefinida devido à sacralidade da família e a autoridade que os pais exercem sobre os filhos, impondo-lhes um pacto de silêncio e, por vezes, de cumplicidade^{3,4}.

A Organização Mundial de Saúde (2002) apud Rios et al. (2013)⁵, informa por meio de estimativas que no ano de 2000 ocorreram 57 mil óbitos abrangendo crianças e adolescentes com idade inferior a 15 anos por homicídio e que o gasto com a assistência à saúde, em função desta, é da ordem de bilhões de dólares. Biscegli et al. (2008)⁶ relatam que anualmente, no Brasil, cerca de 12% dos 55,6 milhões de crianças menores de 14 anos são vítimas de alguma forma de maus-tratos. Os óbitos por violência e acidentes (causas externas) ocupam o primeiro lugar na faixa etária entre cinco e 19 anos.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes é uma questão de saúde pública, pois compromete o desenvolvimento dessa faixa etária e traz consequências para a vida adulta e para a sociedade em geral. São inúmeros os desafios no contexto do atendimento em unidades escolares e de saúde, pois profissionais, mesmo apresentando dificuldades de intervenções efetivas, desempenham um papel importante na identificação, tratamento e encaminhamento de casos de abuso e negligência e na denúncia de casos suspeitos de maus-tratos para as autoridades apropriadas^{1,2}.

Infelizmente, essas consequências negativas na atualidade são os fatores mais presentes em crianças oriundas de famílias desestruturadas, fatores esses que só tendem a crescer de maneira exponencial, gerados pela ausência de educação formal dos pais dos dias de hoje, que além de não compreenderem o risco que envolve a sua prole, continuam gerando filhos sem nenhuma expectativa de vida e sem o mínimo de condições de sobrevivência⁷.

Considerando que a violência é um problema importante e crescente de saúde pública no Brasil e no mundo, trazendo sérias consequências para indivíduos, famílias, comunidades e países. Também considerando o enorme impacto que causam na qualidade de vida e nos índices de morbimortalidade da população, justifica-se esta pesquisa que possui o objetivo de identificar a compreensão dos pais ou responsáveis sobre a violência doméstica.

METODOLOGIA

Estudo descritivo, realizado em uma escola de ensino infantil localizada em uma área de vulnerabilidade social no interior do estado de São Paulo. Aprovado sob o protocolo CAAE 2.50411315.6.000.5515.

A coleta de dados foi efetuada através da aplicação de um questionário utilizado por Biscegli et al.⁶ composto por 13 itens pertinentes ao tema em estudo, onde avaliaram o conhecimento dos pais sobre a violência doméstica. O questionário foi aplicado pelos próprios pesquisadores de maneira individual e presencial a todos os participantes da pesquisa: pais ou

responsáveis por crianças com idade entre 4 e 5 anos, matriculadas no ensino infantil da escola selecionada. A logística de aplicação do questionário aconteceu durante uma reunião de pais e mestres que acontece bimestralmente, sendo rotina da instituição.

Para a análise estatística foram consideradas 32 questionários, entretanto, nas perguntas em que os indivíduos não responderam, o tamanho da amostra foi reduzido para apenas as respostas registradas. Foi utilizada a linguagem de programação Python para realização das análises. A fim de buscar por evidências das relações entre variáveis, fez-se uso de dois testes estatísticos, Qui-Quadrado e Exato de Fisher. Para ambos se considerou um nível de 95% de confiança estatística. Vale ressaltar que o teste exato de Fisher só pode ser aplicado para tabelas de contingência com 2 linhas e 2 colunas (2x2), assim, seus p-valores só constam para estas relações. A justificativa para o uso de ambos os testes, consiste que o teste Qui-Quadrado perde seu poder para pequenas amostras, isto é, quando há valores nas lacunas das tabelas que são menores que 5 (cinco).

RESULTADOS

Foram aplicados 32 questionários para pais ou responsáveis. Relacionado ao gênero dos respondentes, observou-se que 12,5% eram do sexo masculino e 87,5% feminino, destes, 54,5% concluíram o ensino médio completo, 18,2%, possuem somente o Ensino Fundamental incompleto, e entre os mesmos, alguns são analfabetos. Os que possuem o Ensino Fundamental completo, correspondente à antiga 8ª série, hoje denominada de 9º ano, somaram 13,6%. Cursaram o Ensino Médio incompleto 9,1% dos entrevistados e nenhum finalizou o Ensino Superior.

Em relação à renda familiar, apenas 23 participantes relataram. Destes informantes, 34,8% recebem de 1 a 2 salários mínimos, e 30,4% recebem acima de três salários mínimos.

Ao discorrer sobre quaisquer tipos de castigos aplicados por professores, diretores, e outros funcionários da creche, 100% (32) jamais concordariam que seu(s) filho(s) fosse submetido a castigos.

Relacionado às maneiras por meio das quais os respondentes costumam corrigir o(s) filho(s), a maioria (46,9%), respondeu que a melhor maneira de agir é conversando, 40,6%, disseram ser melhor chamar a atenção, 6,3% afirmaram que briga com as crianças e 6,3% que dariam umas palmadas nos filhos. O ato de dar surras não foi citado.

Na tabela 1, são apresentados cruzamentos estatísticos para demonstrar as variáveis que apresentaram maior significância nas respostas dadas pelos pais ou responsáveis entrevistados

Tabela 1. Dados estatísticos das questões propostas

Questões	Falso		Verdadeiro		Não sei dizer	
	N	%	N	%	N	%
Palmada ajuda a preparar a criança para a vida (n=32)	22	68,8	5	15,6	5	15,6
Considera correto chamar a atenção de Seu filho na frente de outras pessoas (n=32)	22	68,8	6	18,8	4	12,5
Tapas e palmadas prejudicam o relacionamento entre pais e filhos (n=32)	9	28,1	20	62,5	3	9,4
Conversar com os filhos sobre as coisas erradas que eles fizeram faz parte da educação (n=32)	0	0,0	32	100	0	0,0
Xingar os filhos “na hora do nervoso” não causa nenhum dano à criança (n=32)	22	68,8	9	28,1	1	3,1
Ter medo do pai e da mãe é ter respeito por eles (n=32)	22	68,8	6	18,8	4	12,5
Criança esquece fácil (n=32)	26	81,3	5	15,6	1	3,1
Quem sabe de algo errado deve denunciar (n=32)	0	0,0	30	93,8	2	6,3
Ninguém tem nada a ver com o que acontece na casa dos outros (n=32)	19	59,4	10	31,3	3	9,4
Agressões domésticas podem levar à morte (n=32)	0	0,0	31	96,9	1	3,1

Após o cruzamento, as variáveis que se relacionaram significativamente foram:

1. “Palmada ajuda a preparar a criança para a vida” vs “Tapas e palmadas prejudicam o relacionamento entre pais e filhos”: Dentre as pessoas que discordam que palmada ajuda a preparar a criança para vida, 85% destes acreditam que tapas e palmadas prejudicam o relacionamento entre pais e filhos. Já dentre as pessoas que concordam que palmada ajuda a preparar a criança para vida, apenas 20% destes, acham que tapas e palmadas prejudicam o relacionamento entre pais e filhos (p-valor 0,01).

2. “Tapas e palmadas prejudicam o relacionamento entre pais e filhos” vs “Criança esquece fácil”: Apesar desta relação não ter sido significativa estatisticamente (p-valor=0,06), assim a mesma foi mostrada para expor seu comportamento. Apenas 5% das pessoas que acham que tapas e palmadas prejudicam o relacionamento entre os pais e filhos também acham que criança esquece fácil. Para os pais que não acham que tapas e palmadas prejudicam o relacionamento entre pais e filhos, 38% acreditam que criança esquece fácil. Logo há um aumento na porcentagem de pais que acham que criança esquece fácil para o grupo que não acham que tapas e palmadas prejudicam o relacionamento.

3. “Número de filhos (2 ou menos)” vs “Xingar os filhos na hora do nervoso não causa nenhum dano à criança”: Dentre os pais que possuem mais de dois filhos, 88,2% acreditam que xingar o filho causa danos à criança. Já para os pais que possuem dois ou menos filhos, este índice cai para 50% (p-valor=0,044).

Em relação às variáveis sócio demográficas (escolaridade e renda) não foram possíveis, verificar nenhuma associação em relação à agressão doméstica infantil, talvez com um tamanho amostral maior, pode-se encontrar maiores evidências sobre possíveis associações.

DISCUSSÃO

Atualmente as famílias encontram-se muito fragmentadas, e em geral são as mães que cuidam dos filhos e por isso mesmo, seu contato com as crianças é bem maior que os pais, questão fora do domicílio em trabalho, ou são ausentes e às vezes não são casados com essas mulheres, concordando com nossos estudos, pois que 87,5% dos entrevistados eram mulheres. Em contrapartida, pode-se perceber que na atualidade o que existe é uma alteração radical no modelo tradicional de família, se no passado o homem era o único provedor, hoje, fica evidente a mudança do papel da mulher na família. Cada família precisa trabalhar seus padrões e conceitos preestabelecidos fazendo emergir deles uma maneira original de constituir um grupo familiar com funções, direitos e deveres que atendam aos que dele participam⁸.

Em 2014, foi aprovada pelo Senado Federal uma alteração no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com a intenção de explicitar o que não foi posto claramente há 24 anos, quando da sua criação. "Desde então, o ECA trata dos maus tratos, mas sem especificar os tipos de castigo". O novo texto define castigo físico como "ação de natureza disciplinar ou punitiva com o uso da força física que resulte em sofrimento físico ou lesão à criança ou ao adolescente" e, "tratamento cruel e degradante" como "conduta ou forma cruel de tratamento que humilhe, ameace gravemente ou ridicularize" Essa lei foi alcunhada "Lei da Palmada"⁹.

O tema é bastante polêmico, pois muitos são aqueles que defendem que pequenas palmadas são necessárias em alguns momentos para disciplinar os filhos e afirmam que procedem de acordo com uma educação milenar, aplicada a eles próprios com sucesso. Em geral esses pais entendem a palmada como um ato de amor, afirmando que as palmadas lhes doem mais que às crianças assim castigadas, mas em uma cultura que ainda acredita que "Deus castiga" por nossas faltas, é muito difícil entender que os filhos devam ser educados e nunca castigados¹⁰.

Criar e educar filhos não é uma tarefa muito fácil e, não raramente, os pais aplicam castigos físicos e muitas vezes humilhantes à sua prole. É muito comum pais que simplesmente acreditam poder fazer o que quiserem com seus filhos, sem muito propósito. Nesse caso, pais que assim procedem, mais que orientação, necessitam de ajuda psicológica¹⁰.

É necessário lembrar que, criança não é uma pessoa inferior, tão somente apresenta uma condição diferente do adulto, sendo mais frágil. Em função disso, em nenhum momento os adultos têm o direito de maltratá-la, nem mesmo com xingamentos, pois dentre diversas consequências negativas podem afetar a autoimagem da criança. O dever de pais e responsáveis é o de orientar para a vida, cuidar e, possibilitar que exerçam sua cidadania com independência e de maneira digna¹¹.

Gonçalves e Ferreira (2002, p. 316)¹² concordam que a punição apenas estigmatiza o erro não havendo a preocupação em ensinar o que é correto. No entanto, Lara (2000, p. 64)¹³, defende em seus estudos que o uso das palmadas pode produzir um benefício imediato para o castigador, pois os pais que assim agem, conseguem pronta obediência da criança. Embora a punição corporal tenha alguma eficácia no momento de sua aplicação, no decorrer do tempo pode acarretar prejuízos não apenas para aquele que a recebe, mas também, para os que se envolvem, fazendo com que os índices de delinquência, criminalidade e violência contra o cônjuge, sejam aumentados¹⁴.

As pessoas ao se irritarem, em geral alteram seu comportamento mesmo que em público e, em função desse fato, não é raro, a ocorrência de pais extremamente nervosos agredirem seus filhos verbal ou fisicamente, por motivos considerados fora dos padrões normais, a punição deixa de ter um caráter educativo passando a uma situação de descontrole, prejudicando a criança em seu psicológico^{15,16}.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que os pais/responsáveis das crianças demonstraram um nível satisfatório de conhecimento sobre violência infantil, porém não descartando a influência cultural e a possibilidade de alguns destes praticarem determinados tipos de violência contra seus filhos ou crianças sob sua guarda.

Devido este fato, tornam-se relevantes não apenas estudos estatísticos e revisões bibliográficas, mas também trabalhos de campo, como o estudo em questão. Assim, o tema terá maior abordagem entre os profissionais da saúde, a fim de conhecer a realidade de tais eventos e exercer uma co-participação efetiva, na tentativa de diminuir esse importante agravo para a sociedade.

REFERÊNCIAS

1. Andrade EM, Nakamura E, Paula CS de, Nascimento R do, Bordin IA Martin, D. A visão dos profissionais de saúde em relação à violência doméstica contra crianças e adolescentes: um estudo qualitativo. Saude Soc., São Paulo, Mar. 2011;209(1):147-155.
2. Almeida AA, Miranda OB, Lourenço LM. Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia. 2013;6:298-311.
3. Ferreira, MB; Nunes, MR; Reis, GC dos; Morraye, M de A; ROCHA, SM de M. Social support, socioeconomic and clinical risk: comparison between two neighborhoods in a Brazilian upcountry town. Rev Esc Enferm USP. 2012;46(4):822-8. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000400006>
4. Gebara CFP, Ronzani TM, Lourenço M. A violência doméstica infanto juvenil na perspectiva dos agentes comunitários de saúde. Psicologia em Estudo (Impresso), 2013;18:441-451. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000300006>
5. Rios KSA, Williams LCA, Schelini PW, Bazon MR, Piñon EA. Inventário de Potencial de Abuso Infantil – CAP: Evidências de Validade e precisão. Avaliação Psicológica. 2013;12(1):51-60.
6. Biscegli TS, Arroyo HH, Halley N da S, Dotoli, GM. Violência doméstica contra crianças: nível de conhecimento dos pais de crianças em escolas pública e privada. Scielo 2008.
7. Vasconcelos AC, Souza MB. As noções de educação e disciplina em pais que agridem seus filhos. Psico. jan./abr. 2006;37(1):15-22.
8. Martins CS, Ferriani MGC. Caracterização dos agressores e vítimas de violência sexual intrafamiliar: um estudo de caso. Rev. Bras. Sexualidade Humana. 2013;17(3):129-139.
9. Patrian AC de A, Rios K de AS, Williams LC de A. Validade de Critério do Inventário de Potencial para Abuso Infantil (CAP). Paidéia. jan.-abr. 2013;23(54): 43-51. <https://doi.org/10.1590/1982-43272354201306>
10. Pasian MS, Faleiros JM, Bazon MR, Lacharité C. Negligência Infantil. Pensando Famílias, dez. 2013;17(2):61-70.
11. Battaglia, M do CL. Terapia de família centrada no sistema. Rio de Janeiro, 2002.

12. Gonçalves HS, Ferreira AL. A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 2002;18(1):315-319.
13. Lara MCA. Violência e vitimização da criança. In: Ricco RG, Del Ciampo LA, Almeida CAN. *Puericultura: princípios e prática. Atenção integral à Saúde*. São Paulo: Atheneu; 2000.
14. Oliveira SN. Família e educação escolar no contexto neoliberal. *Revista da FAEEBA Universidade do estado da Bahia, Faculdade de Educação do Estado da Bahia – ano 8, nº11, jan./jun, Salvador: UNEB,1999*.
15. Tiba I. *Disciplina, limite na medida certa*. São Paulo: Editora Gente, 1996.
16. Bernardino J. *Dá para educar sem palmadas?* 2014. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/educar-palmadas-589398.shtml>.